

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

PENSAMENTO ADMINISTRATIVO BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS COM A HISTÓRIA E A LITERATURA

Fabiane Louise Bitencourt Pinto¹
Elizabeth Matos Ribeiro²

RESUMO

Apresentaremos neste ensaio, reflexões sobre a aproximação das ciências administrativas na reinterpretação das dinâmicas sociohistóricas, da crescente problematização das metodologias historiográficas e sua aplicabilidade no campo da Administração contemporânea. Para tanto, passaremos por uma breve revisão de literatura e por fim, seguiremos, com o aporte da Administração Política, para a (re)interpretação de obras selecionadas do literato Jorge Amado à luz do pensamento administrativo brasileiro. Assumimos tal campo de conhecimento como base teórico-epistemológica e metodológica necessária para a compreensão e concepção das relações sociais de produção e distribuição da sociedade sul baiana. Nosso desafio foi integrar a narrativa histórica e literária amadiana à perspectiva científica do campo da administração, campo ainda em processo de consolidação. Nosso estudo situa-se em um campo de convergência especial através da articulação das perspectivas críticas assumidas entre a literatura, a história e a administração. O mergulho na literatura amadiana com seus relatos sobre os processos de formação da sociedade sul baiana, ressaltando o caráter institucional e a natureza histórico-cultural da obra, busca contribuir para uma melhor compreensão dos valores, que fundamentam os modos de produção, as bases da organização e relações sociais da região cacaueira à época.

PALAVRAS-CHAVE:

Pensamento Administrativo Brasileiro, História; Literatura; Administração Política.

¹ fabiane_louise@yahoo.com.br

² ematos@ufba.br

1. Introdução

Nossas impressões ora apresentadas, é produto das reflexões advindas da participação no Grupo de Pesquisa em Administração Política do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da UFBA. Buscando inovar esse debate sobre a formação social e econômica do Brasil, avaliamos como fundamental a integração com a perspectiva administrativa, isto é, propor uma discussão à luz do pensamento administrativo brasileiro. Nesse sentido, optamos por tomar como base referencial teórica e metodológica central a Administração Política e acreditamos que este exercício nos possibilitaria integrar conjugações interpretativas interessantes e ricas, a exemplo do que já vem sendo feito por diversos estudos que optaram por uma abordagem interdisciplinar para reinterpretar os padrões que fundamentaram as relações sociais e produtivas brasileiras, através da articulação da perspectiva Histórica, Literária e Administrativa.

Buscando seguir essa trajetória crítica e já desbravada por outros autores, a exemplo de Paulo Emilio Martins³, que têm demonstrado a necessidade de maior aproximação das ciências administrativas na reinterpretação das dinâmicas sócio-históricas, é que o artigo se fundamenta. Bem como, seguimos com a mesma suposição que Vizeu (2010): que a Administração e as organizações no Brasil somente serão satisfatoriamente compreendidas no momento em que se buscar um entendimento destas a partir de suas referências histórico-culturais específicas.

Lançamo-nos, portanto num exercício interpretativo das obras selecionadas de Jorge Amado, com o intuito de identificar diferentes maneiras de se compreender o pensamento administrativo integrado, de forma articulada às obras de grandes literatos brasileiros como fonte incontestável e inesgotável de conhecimento sociológico, econômico, social, cultural, político e administrativo.

2. Elementos para um quadro de referencia

Em Pieranti (2005), que trata da metodologia historiográfica e sua aplicabilidade no campo da Administração no Brasil contemporâneo, percebemos que

Mais que instrumento para a investigação, a História é disciplina e entendimento dos quais derivam formas específicas de observação dos fatos. Entender a História como linha mestra e explicativa dos acontecimentos não significa sobrepô-la à Administração e seus tradicionais mecanismos de coleta de dados e análise dos mesmos; significa, sim, compreender a interpretação com base histórica como um dos caminhos possíveis à investigação em Administração, notadamente no que se refere a problemas de pesquisa no âmbito público. Significa, enfim, acreditar que políticas públicas e relações de poder, por exemplo, têm fortes bases históricas e que, portanto, podem ser explicadas por métodos de pesquisa ligados a essa disciplina (PIERANTI, 2005, p. 08).

³ DA COSTA, Alessandra de Sá Mello; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, n. 3, p. 288-299, 2010.

Com relação à formação específica em Administração, encontramos a justificativa para que sua aprendizagem prática avance para além de teorias, o que implica a necessidade de mesclar outras abordagens, incluindo a literária e a histórica, como já ressaltado anteriormente. Conforme apontam Fischer, Davel, Vergara e Ghadiri (2007), a literatura deve ser usada por pesquisadores de administração como recurso de investigação. O fato de a Administração estar classificada entre as ciências socialmente aplicáveis somente nos lembra que ela deve ser referenciada à prática; e é sobre essa prática que se constrói a teoria. Assim, as práticas de gestão e conhecimento explícito sobre organizações, por exemplo, são estruturadas mediante a compreensão da sua própria construção social. Desse modo, como ressaltam os citados autores,

a literatura oferece infinitas possibilidades para o entendimento da gestão e para conferir significado às práticas. Para valorizar a literatura como recurso de ensino e aprendizagem em administração, é preciso compreender a natureza da obra literária, seu verdadeiro modo de ser e o seu potencial como recurso (FISCHER et al., 2007, p. 953).

Nesta mesma seara, ressaltando a importância da discussão crítica acerca da memória e seu lugar nos estudos organizacionais, mais especificamente na história empresarial, Da Costa e Saraiva (2011), afirmam que a temática memória embora seja amplamente difundida em particular pela área de história, no campo dos estudos organizacionais apresenta-se como temática imensamente desafiadora.

Ainda, como ressaltado por Matitz e Vizeu (2012) com a ampliação da comunidade acadêmica brasileira da área de estudos organizacionais (EOR) quanto às questões epistemológicas, há de se observar a forma heterogênea que se dá a articulação da área, com diferentes disciplinas e perspectivas na compreensão plural da realidade organizacional. Para tal campo, mesmo sendo considerado como salutares os benefícios da multi e interdisciplinaridade, faz-se necessário o uso adequado (e referenciado, grifo nosso), de teorias ou conceitos emprestados de outras áreas. Neste sentido, acrescentamos que

De acordo com esse entendimento, a investigação histórica do fenômeno organizacional e da atividade gerencial deve “conectar-se com questões atuais no sentido de que podem levar a uma perspectiva diferente [das que vigoram] sobre tais questões” (JACQUES, 2006, p. 43, tradução nossa), ou seja, devem ser capazes de questionar o entendimento vigente da realidade organizacional contemporânea pela reconstrução dessa realidade feita com o minucioso escrutínio de sua trajetória histórica (VIZEU, 2010).

Coadunando com Pieranti (2008), prosseguimos com a expectativa de que a História explica acontecimentos e estruturas construídas por uma sociedade, e que portanto, as raízes históricas explicam situações no presente; que a singularidade dos fatos históricos se organizam de maneira tão específica que não são passíveis de generalizações; que a nossa interpretação via literatura amadiana é apenas uma interpretação possível daquele espaço e tempo sul baiano, e que para tanto, nos lançáramos ao exercício de interligação entre diversas áreas do conhecimento. A escolha do viés da literatura nos distingue inclusive, da farta produção brasileira contemporânea no campo da Administração, que tem feito uso da historiografia, para recontar a trajetória de personagens e estruturas (PIERANTI, 2008).

3. Algumas notas sobre o percurso metodológico: a identificação do literato e os critérios verdade das obras selecionadas

Consideramos que o literato Jorge Amado, foi capaz de retratar no conjunto inicial de suas obras uma crítica contextualizada do cotidiano que marcou a vida socioeconômica, política e cultural da região cacauzeira da Bahia. Desse modo, fazer uma releitura das obras do autor, a partir do olhar da Administração Política, implica, pois, ratificar uma percepção que certamente já estava implícita nas leituras feitas por Amado referente às bases do que denominamos de relações sociais de produção e distribuição que fundamentavam a sociedade baiana da época. Esse retrato mostra não apenas como se davam as relações socioeconômicas, mas também evidencia as lutas sociais (em particular dos trabalhadores) reveladas nas relações administrativas estruturadas para dar conta do novo padrão de administração política brasileira e baiana no período ambientado; o que implica afirmar que Jorge, na sua sensibilidade crítica, conseguiu retratar muito bem o papel implícito e explícito assumido pelo padrão de Administração Política que orientava as relações complexas entre Estado e sociedade na região sul da Bahia.

Assim, o mergulho na literatura amadiana com seus relatos sobre os processos de formação da sociedade sul baiana, ressaltando o caráter institucional e a natureza histórico-cultural da obra, busca contribuir para uma melhor compreensão dos valores, que fundamenta os modos de produção e distribuição, divisão nacional e internacional do trabalho e das riquezas, as bases da organização e relações sociais da região cacauzeira à época.

O nosso esforço de investigação se constrói, pois, na aproximação entre os campos da Administração com a História e a Literatura, mais especificamente da Literatura, que tem como objeto de estudo a história. Em nosso texto portanto, tratamos a literatura amadiana não como uma fonte a mais de documento que possa ilustrar uma interpretação baseada em fontes reconhecidamente científicas e, por isso, mais confiáveis; ao contrário, assumimos, com a escolha desse objeto, o desafio de nos lançar à leitura das experiências passadas na região cacauzeira, tomando como fonte privilegiada o discurso literário de Jorge Amado e as maneiras como o autor retrata os modos/padrões de gestão das relações sociais de produção e distribuição num dado espaço e tempo.

História e a literatura são leituras possíveis acerca do real, ambas remontam a questões como a verdade do simbólico e da gerência do tempo. Todavia, a história constitui um conhecimento científico e, para tanto, depende de arquivos, métodos de pesquisa e demais critérios de cientificidade, já a literatura e o cinema não possuem esse rigor, enveredando por caminhos mais abrangentes, poéticos. Justamente pela Nova História ter renunciado ao domínio da verdade, enquanto representação, a história atualmente não se mede por critérios de veracidade, o que configuraria um retrocesso; mas, sim, pela verossimilhança, que é o ponto de convergência entre hipóteses possíveis de um passado efetivado, vivido; daí origina a credibilidade do autor, desde que consiga explicar, de maneira plausível e com respaldo de fontes confiáveis, o acontecimento em questão. Nesse aspecto, as fontes são apenas indiciárias e não revelam a verdade propriamente dita como em outrora. Portanto, admite-se a presença da ficcionalidade no domínio do discurso histórico, o qual sofre o crivo da testagem, a comprovação.

Desse modo, a literatura tem sido cada vez mais frequentada pelos historiadores e mais recentemente por administradores e economistas⁴, na tentativa de alargar e aprofundar as formas como entramos em contacto com o passado e os novos olhares permitidos a partir

⁴ Ver FRANCO, Gustavo. A economia em Machado de Assis: um olhar oblíquo do acionista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

dessa nova perspectiva (re)interpretativa. Fundamentando a interação da história com a literatura, Pesavento (2000)⁵ nos apresenta que é possível resgatar a maneira como os homens representavam a si próprios e à realidade através do texto literário, o qual poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo.

A obra amadiana, em sua micronarrativa, que prioriza a narração de uma história sobre as pessoas comuns situadas no local em que estão instaladas, revela os padrões que fundamentam as bases das novas relações sociais de produção e distribuição que emergem no pós-30, demonstrando, assim, a permanência e o agravamento dos dramas sociais originários da velha estrutura socioeconômica e política ainda dominante. Em síntese, a micronarrativa apresentada por Amado, com a riqueza de detalhes e multiplicidades de atores sociais, oferece farto e relevante subsídio para pesquisas e interpretações, como é o caso do olhar da administração política, base teórico-metodológica que fundamentou esta análise.

4. O diálogo fértil da Administração com a História e a Literatura

O nosso esforço de investigação se constrói, pois, na aproximação entre os campos da Administração com a História e a Literatura, mais especificamente da Literatura, que tem como objeto de estudo a história. Nesse sentido, conforme ressaltado por Da Costa (2010, p. 289),

A aproximação entre administração e história não é recente, mas ainda não avançou substancialmente de forma a viabilizar todo o seu potencial ontológico, epistemológico e metodológico (BOOTH e ROWLINSON, 2006). Defendemos que tal quadro pode ser alterado por meio da identificação do embate paradigmático que ocorre dentro da área de História e que, nesse processo de aproximação, transborda para a área de Administração. Identificar as visões provenientes do acirrado debate entre as perspectivas da história tradicional e da história nova no campo da Administração pode contribuir para: a) melhor compreensão dos fenômenos administrativos; b) formação de pesquisadores mais conscientes de seus caminhos de pesquisa e c) fortalecimento da interdisciplinaridade por meio da criação de vínculos mais profundos entre as áreas.

Tomando como base as colocações acima, Jorge Amado, com suas interpretações da realidade brasileira e baiana, em particular, denunciou as disparidades socioeconômicas, através da abordagem de temas populares, de inspiração regional, combinando política, ideologia, comportamento carnavalescos e forte religiosidade, e evidenciou, na maior parte dos textos, o imobilismo das classes subalternas. Seguindo essa trajetória, nossa pesquisa tomou como referência central de análise a indicação de Araújo (2003), quando nos ensina que a produção de Jorge Amado se divide em pelo menos quatro ângulos e espaços geográficos. Desse modo, utilizar-se-á como base central para o estudo os romances que se encontram na primeira matriz citada por Araújo, ou seja, mergulhar-se-á na análise das obras que se ambientam na região sul baiana, vinculadas sobremaneira ao ciclo do cacau.

⁵ PESAVANTO, Sandra Jatahy (org.). Apresentação. In: Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

Por esse prisma, há uma aproximação natural entre o fazer dos literatos engajados em obras literárias de cunho social, político e cultural e aqueles que adotam a história como ofício ou matéria de estudo. Nesse ponto, poderíamos indagar, então, qual seria a contribuição da literatura à história e às demais ciências sociais, além das ciências sociais aplicadas como Administração?

A apropriação da literatura por historiadores leva em conta, sobretudo, o caráter de representação da narrativa literária, permitindo ao historiador reconhecer como os atores sociais, de um dado tempo e espaço, empregam sentido às suas práticas e discursos, percebendo, por exemplo, como esse indivíduo ou o grupo está inserido nas estruturas do mundo coletivo ao qual pertence. Assim, os textos literários representam o real de um tempo pretérito, como seus modos de ver e de sentir, os quais escapam, muitas vezes, a outros tipos de fonte e de interpretação (GRUNER; DeNIPOTI, 2008).

Neste ensaio, portanto, tratamos a literatura amadiana não como uma fonte a mais de documento que possa ilustrar uma interpretação baseada em fontes reconhecidamente científicas e, por isso, mais confiáveis; ao contrário, assumimos, com a escolha desse objeto, o desafio de nos lançar à leitura das experiências passadas na região cacaueira, tomando como fonte privilegiada o discurso literário de Jorge Amado e as maneiras como o autor retrata os modos/padrões de gestão das relações sociais de produção e distribuição num dado espaço e tempo.

4.1 Administração Política, vetor da compreensão crítica ampliada dos fenômenos

Consideramos que a Administração Política apresenta pressupostos teóricos e metodológicos que contribuirão para uma compreensão crítica e contextualizada acerca dos fenômenos socioeconômicos, institucionais e organizacionais. Com essa nova perspectiva interpretativa e significativa, é possível ampliar, pois, as perspectivas analíticas da Administração, deixando de se concentrar apenas em elementos instrumentais, técnicos e racionais, característicos do que se denomina de Administração Científica (ou Administração Geral). A relevância da perspectiva da Administração Política está, portanto, na possibilidade de interação do Estado com a sociedade, do ente político com o econômico e social, dentre outros, para uma reinterpretação das bases que fundamentaram o Projeto de nação, projeto de sociedade, baiana e regional.

Os pressupostos metodológicos que orientaram o desenvolvimento do estudo assumem como base fundamental a pesquisa qualitativa, feita a partir da leitura histórica e crítica, contida nas obras selecionadas de Jorge Amado. O método de análise proposto buscou, pois, identificar e compreender os aspectos essenciais que conformaram os padrões de Administração Política da sociedade sul baiana, o que significou reconhecer, nas obras selecionadas, os fundamentos que orientavam as típicas relações de um modelo de capitalismo retardatário e dependente.

Como aponta Gomes (2012, p. 13-14),

[...] o método de análise [proposto] já demonstra, claramente, uma forma diferente de olhar o processo de desenvolvimento econômico brasileiro [e baiano em particular], em que os limites entre a economia política crítica e a administração política ainda não estão definidos. Ressalta o autor que, embora esse seja um problema aceitável é importante [...] procurar compreender como a produção capitalista no Brasil [e no sul da Bahia] se organiza e passa por modificações, reformas ou mudanças [de modo que seja possível compreender] o processo histórico de construção e reconstrução das relações entre o Estado e

a economia capitalista periférica e a gestão dessas relações no contexto dos conflitos de classe (inter e intraclasse) [que denominamos Administração Política].

Considerando essa perspectiva teórico-metodológica crítica da Administração Política, consideramos que os romances de Jorge Amado assumem lugares fundadores dessa reinterpretação, na medida em que assumem um papel privilegiado de memória viva da dinâmica socioeconômica, cultural e política contemporânea. Conforme nos ensina Nora (1988), os lugares das memórias que Amado nos legou são os locais privilegiados onde estão os registros das concepções de um projeto de nação, do papel da família, do papel dos trabalhadores e homens comuns, do papel das instituições, entre outras.

Reforçamos a escolha do autor como objeto de análise do presente estudo, sobretudo, pela importância das contribuições das obras amadianas para uma (re)interpretação do pensamento administrativo brasileiro, com especial ênfase para o campo da Administração Política, considerando, pois, um campo próprio para recontar a dinâmica histórica da formação social, política, econômica e cultural brasileira sob o olhar crítico e contextualizado da administração; isto é, buscando ressignificar os mecanismos administrativos que fundaram as bases de um *modus operandi* (o como fazer?) que permitiram e ainda permitem a preservação de modelos tradicionais e excludentes de desenvolvimento econômico e social. Para dar conta de uma interpretação tão ampla e complexa, considera-se que as obras selecionadas de Jorge Amado resguardam, pelas formas e objetos, a universalidade do processo de socialização que marcou a região sul da Bahia.

As obras do autor baiano Jorge Amado ocupam lugar de destaque na produção de novos temas, formas de expressão e apreensão do mundo, sentimentos e lugares, que traduzem a “paisagem humana e social do Nordeste, particularmente da Bahia, seu Recôncavo, sul e sertão”, conforme destaca Araújo (2003, p. 09). Em âmbito internacional, a literatura amadiana notabilizou-se pela projeção da cultura brasileira e baiana, induzindo o leitor à percepção de valores, condutas e relações dos universos relatados em sua vasta obra, traduzida em mais de cinquenta países; parte delas foi inclusive adaptada para o rádio, o cinema, a televisão e o teatro. As matrizes temáticas na literatura de Amado se dividem em dois ciclos: campo e cidade, tendo início, em 1931, com o lançamento do primeiro livro, *O país do carnaval*.

Está presente na obra amadiana uma preocupação em compreender e denunciar um dado padrão de Administração Política, ao descrever como foram estruturadas tanto as condições objetivas de materialidade da sociedade baiana, como as condições subjetivas de vida – a vivência espiritual, que impulsionavam a atuação dos sujeitos em busca de mudanças políticas, econômicas e sociais, ou seja, em busca de uma vida melhor.

4.2 (Re)leitura de obras amadianas numa perspectiva Histórica, Literária e Administrativa

Como já ressaltado anteriormente, a relação indiscutível entre História e Literatura, reservadas a natureza, objetivos e códigos próprios, aproxima-se nas próprias diferenças, revelando que História e Literatura se complementam. (Re)interpretar os padrões que fundamentaram as relações sociais de produção e distribuição da região sul baiana, integrada, desse modo, uma nova dimensão interpretativa que toma como base central o pensamento administrativo, que permitiu colocar em prática um Projeto de Nação, concebido e idealizado pelos diversos grupos de interesses amplamente denunciados por Amado nas obras selecionadas.

A dimensão da Administração Política é facilmente reconhecida na própria composição da comunidade grapiúna que se construiu sobre o desenvolvimento da cultura do cacau. Nesse sentido, observa-se que o presente estudo segue na trilha do chamado romance social, político e cultural de Jorge Amado, expresso nas obras aqui selecionadas do autor: *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1944), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), e *O Menino Grapiúna* (1982). Constatamos, pois, a oportunidade de verificar a afeição universal e as relações socioeconômicas, políticas e administrativas que Jorge Amado imprimiu em seus personagens e histórias relatadas. Como crítico social, o autor revelou, através da engrenagem ficcional, as manifestações da cultura regional e práticas socioeconômicas e administrativas efetivas de um dado tempo-espaço.

4.2.1 O Menino Grapiúna: do Sul da Bahia para o Resto do Mundo

Antes de iniciar a análise de cada um dos títulos selecionados, faz-se necessário introduzir alguns comentários mais gerais sobre a trajetória do autor, a fim de compreendermos a dinâmica da sua escrita e motivações.

Jorge Amado nasceu em 1912, numa roça de cacau, no povoado de Ferradas, hoje município de Itabuna. Naquele momento, o cacau já figurava como a lavoura de maior importância no Estado da Bahia. Para o autor, foram as coisas que viu e viveu na infância naquela região que configuraram a base de tudo que, posteriormente, criou e recriou. Declara que o que lhe formou foi exatamente o que se encontra ligado ao tempo de vida na região cacauzeira (RAILLARD *apud* SOUSA, 2001). Aliás, dentre os homens que, por tradição, desbravaram e conquistaram aquele espaço sul baiano, se encontra a própria família de Jorge Amado. Em seu livro de memórias, *O Menino Grapiúna*, escrito em 1982, utilizado neste estudo como subsídio para compreensão da crítica sociopolítica amadiana, encontramos o seguinte relato:

[...] desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo: Na época das grandes lutas [...] segue contando que, ainda jovem, seu pai, João Amado de Faria, “abandonara a cidade sergipana de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento no sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna [...]” (AMADO, 2006, p. 05 e 07).

Portanto, o menino grapiúna fez parte do quadro social das terras sul baianas, permitindo, pois, que, a partir dessa experiência pessoal, Amado fizesse significações do coletivo, das relações pessoais, das tradições e costumes, da vida dos homens comuns, dos pescadores, trabalhadores rurais, mulheres da vida e toda a trama social que caracterizava aquele espaço. Amado afirma, ainda, que “encontra sua razão de ser, suas raízes, nessa primeira infância de terra violentada, de homens e armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes. [...] Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. [...] A vida do menino foi intensa e sôfrega” (AMADO, 2006, p. 47).

Com base nesses relatos, percebe-se que esse contato direto e cotidiano de Amado com a realidade que o cercava foi decisivo para sua formação literária, em especial quando afirma que,

[...] no meio do povo, homens e mulheres que possuíam cor e odor da terra, o menino ia aprendendo sem se dar conta [...] em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito (AMADO, 2006, p. 53).

4.2.2 Cacau (1933)

O Romance narra a relação entre o coronel, o empresário, ou seja, os donos dos bens de produção e o trabalhador rural. Nessa obra, Amado mergulha no universo da luta de classes denunciando a exploração e apropriação do trabalho, os conflitos advindos dessas relações sociais de produção e distribuição, dando destaque, ainda, à greve e aos incipientes movimentos sociais, além de explorar ideais socialistas.

Em *Cacau*, Jorge Amado agudiza o inconformismo e a indignação, mediante a exploração e a miséria relativas às terras do cacau. Adere à proposta literária e aproximando-se da forma e conteúdo dessa corrente ao falar diretamente da categoria social povo. Todavia, os críticos apontam para a simplificação da realidade traduzida neste livro destacando a presença de antinomias ou maniqueísmos, fato que pode ser justificado pela recente filiação de Amado ao Partido Comunista, ou ainda, por estar iniciando suas primeiras escritas. Conforme destaca Araújo (Op. cit., p. 35), “afinal a partidização cumpriu um ciclo na obra de Jorge Amado e ele foi sincero, explícito, objetivo e sem reservas, evidenciando com nitidez a face de sua identidade ideológica”.

Cacau reflete, portanto, o final do século XIX; presenciou grandes mudanças no equilíbrio demográfico e geoeconômico do país, indicando novos rumos para o desenvolvimento nas regiões cafeeiras do Centro-Sul (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), enquanto seguia em decadência o Nordeste açucareiro. Para Prado Jr (1981), o empobrecimento do Nordeste, povoado densamente, desde a implantação da colônia, resultou numa forte e constante enxurrada demográfica em direção a regiões com melhores perspectivas de vida e subsistência:

este movimento de populações tornar-se-á particularmente ativo depois da grande seca de 1877-80, que despovoará o interior nordestino do Ceará até a Bahia. As regiões beneficiadas por esta emigração serão o vale amazônico (graças à extração da borracha); o sul da Bahia (produção de cacau em progresso); finalmente e, sobretudo São Paulo, o grande polo de atração (PRADO JR, 1981, p. 151). Neste período, predominava as atividades ligadas a agricultura e pecuária, compreendendo uma população instável, denominada de *rurbana* por Faoro (2000b), ou seja, corpo social que vive sobre a influência do campo, é a cidade servindo à zona rural. Enquanto que o norte e o nordeste são considerados outros países – é o Brasil moderno, ao lado do Brasil colonial, na observação de um estrangeiro que analisou o país em 1935, haviam “metrópoles” e “colônias” dentro das mesmas fronteiras nacionais (FAORO, 2000b).

O narrador de *Cacau* enfoca, inclusive, a extorsão que sofrem dos armazéns das fazendas, onde os preços são exorbitantes e onde são obrigados a comprar gêneros alimentícios, ferramentas para a lide, além de roupas e remédios. Com esse relato, Amado se aproxima do que aqui denominamos padrão administrativo que fundamentava, pois, os processos e as relações de trabalho que garantiam a dinâmica do modelo socioeconômico predominante: a produção latifundiária e extrativista do cacau.

4.2.3 Terras do Sem Fim (1943)

As obras *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) narram o desbravamento das matas sul baianas para o plantio do cacau. Ao ler o segundo romance, percebe-se claramente a intenção de Amado de dar continuidade e ampliar as abordagens trazidas em *Terras do Sem Fim*. Esta afirmação se fundamenta, pois, na preservação e, ou evocação de alguns personagens e memórias na segunda obra. Segundo ressalta Sousa (Op. cit., p. 63),

[...] pode-se observar que esses dois textos estiveram inseridos no movimento da sociedade de um dado tempo (geração de 30), ao lado de tantas outras obras literárias, como as de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, todo considerados romancistas sociais do Nordeste.

A figura dos coronéis em *Terras do Sem Fim* são de homens poderosos, proprietários de extensas roças de cacau, justamente quando a lavoura cacaueira já era reconhecida como importante riqueza econômica regional e nacional. Tal lavoura atraía muitos interessados, a exemplo dos trabalhadores vindos de regiões secas do Nordeste, de pequenos comerciantes, aventureiros, gente de toda ordem tentando enriquecer frente às oportunidades daquela próspera região.

A narrativa não se atém ao momento em que as primeiras mudas de cacau chegaram à região, ao contrário, já aponta um período em que os grandes coronéis ali estabelecidos lutavam por maiores faixas de terra e ampliação da riqueza e poderes. Evidencia, nessas duas obras, de forma mais ampla e contundente, a exploração do homem pelo próprio homem, fazendo emergir as vozes e as reflexões daqueles que se encontravam submetidos às práticas dominantes do coronelato que se formou nas terras do sul da Bahia. Os coronéis, na perspectiva amadiana, seguiam insaciáveis, conquistando terras e dominando gente. Podemos balizar, conforme nos ensina Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001), entre 1890 e 1920, o período de implantação da monocultura de cacau no sul da Bahia. “Aqueles tempos foram atravessados por fenômenos de todos os tipos – demográficos, sociais, políticos e culturais” (p. 99).

Esse retrato parcial da sociedade grapiúna apresenta um forte teor de crítica social e política com problemáticas ligadas ao patriarcalismo latifundiário, à exploração do trabalhador, ao imobilismo social que se estabelecera naquelas *Terras do Sem Fim* e ao modelo tradicional de Administração Política que se consolida na região, refletindo, assim, o mesmo padrão secular que se instala na jovem nação brasileira desde os tempos coloniais. Conforme aponta Sousa (Ibidem, p. 66), as narrativas denunciam e abordam, sobretudo, “o enraizamento do homem no espaço tradicional, da afeição desenvolvida no trato das atividades rurais, do prazer que o cultivo do cacau oferecia, das lutas de interesses contrapostas entre proprietários das roças e os seus trabalhadores”.

As metanarrativas fazem emergir os sujeitos que habitavam aquele espaço – coronéis, jagunços, capatazes, comerciantes, prostitutas, trabalhadores alugados -, além de revelar os arranjos sociopolíticos, base para a consolidação de um padrão de Administração Política tradicional e conservador, pautado em bases que garantissem que as classes menos favorecidas estariam sempre a serviço dos “donos da terra”. Ao denunciar as relações sociais de produção do sul baiano, Amado utilizava diversas expressões pejorativas que manifestavam o uso e abuso do poder dos coronéis como o caxixe⁶, as manobras jurídicas, a

⁶ Termo que se refere à apropriação indevida das terras de terceiros, com o desrespeito à posse, e mesmo aqueles que possuíam terras titularizadas viam suas fazendas subtraídas pela ação dos advogados dos coronéis. As vítimas sofriam um golpe jurídico, com a produção de nova escritura da propriedade a favor de terceiros, sem nenhum tipo de pagamento ou ressarcimento, havia expulsão de suas próprias terras quase sempre com violência. Ver Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001).

toçaima⁷, enfim, todos os tipos de subterfúgios e “jogos sujos” que permitiam a posse das terras alheias.

4.2.4 São Jorge dos Ilhéus (1944)

Como já ressaltado, a rigor, *São Jorge dos Ilhéus* é uma continuação do livro *Terras do Sem Fim*, com a trama e grande parte dos personagens remanescentes do livro escrito em 1943. Superado o momento da luta pela posse das terras, com o conflito direto entre os coronéis, *São Jorge dos Ilhéus* retrata a luta posterior pela posse definitiva das terras do cacau. Quiçá uma posse coletiva daquelas terras. Encontramos em Araújo (2003) que ambos os livros formam um só núcleo ao afirmar que “[...] se desdobram dois períodos distintos: a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século e a passagem da terra para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem” (p. 63).

A exemplo de *Cacau*, a história se passa na década de 1920 e 30, pois, apesar de Jorge Amado não explicitar o período, remete-nos a acontecimentos da política nacional, tais como: a Coluna Prestes, o governo de Washington Luis e o Integralismo.

A trama dá passagem a personagens que revelam as novas relações sociais de produção, isto é, o novo padrão de Administração Política que se desenvolveu nas terras do cacau. Entram em cena em *São Jorge dos Ilhéus*, os vorazes exportadores de cacau, representantes do capital internacional, que ambicionam tornarem-se proprietários das fazendas de cacau, controlando o fluxo de produção e ditando seu preço no mercado internacional. A política local fica a cargo dos filhos dos agora velhos coronéis de *Terras do Sem Fim*, normalmente formados em Direito na capital do Estado ou no Rio de Janeiro.

Ilhéus, a “Rainha do Sul”, com força comercial e riqueza crescente, possui o quinto maior porto exportador do país, responsável, segundo Jorge Amado, por 98% de todo o cacau produzido no Brasil. Em raras cidades no país, à época, havia um crescimento tão rápido, ruas abertas, construções de todo tipo, com praças, jardins, iluminação pública, água e esgoto canalizados. Nesse período, sua população⁸ era estimada em 150 mil habitantes. A essa altura, a cidade já dispõe de aeroporto, cinema, transporte público, cafeterias, teatro, sistema de telefonia, além de um estádio de futebol. Porém, a despeito de toda a modernidade na “Rainha do sul”, reinava o patriarcalismo nas relações sociais de produção, revelando, pois, que, apesar dos avanços, foram preservados praticamente os mesmos interesses locais, alterado apenas pela presença da hegemonia dos interesses do capital internacional.

Prova da análise acima é revelada nos escritos de Amado, especialmente quando descreve as condições desumanas de trabalho e de vida dos alugados, apesar de todo progresso material da região. As moradias são precárias, a alimentação baseada num número restrito de gêneros alimentícios. Persistia a problemática dos armazéns, onde os débitos dos trabalhadores jamais se encerravam diante da obrigatoriedade do consumo exclusivo nos armazéns das próprias fazendas na qual trabalhavam, além dos preços abusivos cobrados para toda a ordem de produtos, sobretudo alimentos e ferramentas.

Amado nos alerta que Karbanks, Zude e os outros exportadores estavam em toda parte, ligados a uma infinidade de negócios, inclusive por trás da direção do Banco de Auxílio à Lavoura. Nesse momento, Jorge Amado chama atenção que se aproximava o momento da luta entre os coronéis desbravadores, plantadores de cacau, e os exportadores.

⁷ Emboscada violenta ao inimigo ou opositor. As toçaimas eram motivadas por quaisquer situações, desde o tradicional antagonismo político, até questões conjugais.

⁸ Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001) nos mostram que a população de Ilhéus cresceu entre 1980 e 1920 com a taxa média superior à 6% aa. Entre 1920 e 40, a taxa média se mantém em 3% ao ano.

Por tudo isso, Araújo (2003, p. 63) nos indica que Amado, em *São Jorge dos Ilhéus*, trata efetivamente da apropriação da terra pelos exportadores:

[...] interpreta os estágios dessa apropriação e das consequências dos homens pela ação gananciosa, o eterno processo da exploração do homem pelo homem, fruto da estrutura capitalista, de par com os dramas universais presentes na obra. À margem desse processo, em curso paralelo, descreve a subvida dos trabalhadores nas fazendas de cacau, sua ignorância, sua miséria, sua morte, em progresso.

Nesta última obra selecionada, Amado enfoca, em síntese, a transferência da apropriação das terras, como consequência do colapso da economia cacaueira em virtude da perda das fazendas de pequenos, médios e grandes fazendeiros, arruinados e vitimados pela ação coordenada dos exportadores junto às oscilações do preço no mercado. A terra troca de mãos. Os caxixes primitivos são trocados pelo jogo financeiro ligado à bolsa de valores, o comando dos exportadores sobre a economia completa-se com a posse das terras, garantindo seu poder e controle da produção. Neste momento, emerge, pois, um novo padrão de Administração Política, em que os interesses internacionais irão subjugar o poder local a um processo de acumulação e apropriação de riqueza forâneo. Aqui cabe um questionamento a partir das provocações de Jorge Amado referentes à avaliação das consequências do choque de dois padrões de administração política que tinham por objetivo apenas preservar os ganhos dos coronéis, de um lado, e os exportadores rentistas, de outro. E como ficariam os trabalhadores nesse embate: com a mesma falta de sorte de antes, ou seja, entregues à sua própria sorte.

5. Considerações Finais

Cabe-nos ora reforçar, que partindo da interpretação da Administração Política sobre a transição que se inaugurou no Brasil e que, de algum modo, contribuiu para promover mudanças substanciais nas relações do poder local no sul da Bahia, de forma clara Jorge Amado descreve os conchavos entre as elites exportadoras que nos revelam a concepção de um novo padrão de relações sociais de produção e distribuição.

Juntas, as quatro obras selecionadas fecham um ciclo socioeconômico e iniciam um outro, sem, contudo, vislumbrar alternativas que possibilitem alterar minimamente a estrutura social, cultural, econômica e política da região sul baiana que garantisse à população marginalizada (os trabalhadores, as prostitutas e toda a massa de escravizados) vislumbrar um horizonte que garantisse, de algum modo, melhores condições de vida e sobrevivência. Sem dúvida, ao retratar e interpretar de forma crítica o processo que possibilitou a transferência da posse das *Terras do Sem Fim*, Jorge Amado nos permite, assim, observar que, em *São Jorge dos Ilhéus*, estaria sendo concebido um Projeto de Nação que permitiria uma reconcentração da riqueza e da renda nas mãos de uns poucos exportadores, repetindo, com outra melodia, um enredo já conhecido.

Buscamos, portanto, compreender a organização do sistema produtivo da sociedade sul baiana, de como os agentes econômicos agiam dentro daquele sistema, como estava distribuída a riqueza ali produzida e a proporção com que cada grupo consumia as riquezas geradas pelo conjunto da sociedade grapiúna. Jorge Amado nos revela, através de sua minuciosa descrição nas obras selecionadas, o modo de vida dos grupos sociais que se instalaram naquele espaço sul baiano.

Consideramos que o aspecto principal de nossa experiência diz respeito às revelações que o autor nos traz sobre a dimensão da vida política do país e da Bahia, tanto no que se refere aos

detalhes do cotidiano da vida social, quanto no que se refere ao caminho que o poder percorre dentro da Administração Pública e da Sociedade, base fundamental para o que aqui denominamos dimensão da Administração Política, ao identificar e denunciar as relações de poder que fundamentavam as relações sociais de produção e distribuição daquela sociedade, Jorge Amado nos mostra questões vinculadas às dimensões da centralização política nas mãos do Estado e da relação perversa dos interesses públicos com as elites locais; reforçada por um padrão de relações socioeconômicas tradicionais que tinha como base a monocultura do cacau e que atendia, portanto, aos objetivos de uma economia agrária exportadora.

6. Referencias

- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jan./jun., 1995.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Dioniso & Cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador, BA: Academia de Letras da Bahia, 2003.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo: confrontos sobre a cultura e o estado brasileiro. In: PESAVANTO, Sandra Jatahy (org.). **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- BRESCIANI, Maria Stella. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- CADERNOS de Literatura Brasileira – Jorge Amado. Instituto Moreira Sales, n. 3, mar. 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CARIBÉ, Daniel A. Ciência ou ideologia? A constituição do campo da Administração Política. Salvador: **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 1, n. 1, p. 35-48, out. 2008.
- CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CARIBÉ, Daniel. **Das Fábricas ao estado, do estado às fábricas: a formação dos gestores enquanto classe**. 2006, 156f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- DA COSTA, Alessandra de Sá Mello; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **Revista de Administração de Empresas**, n. 3, p. 288-299, 2010.
- DA COSTA, Alessandra de Sá Mello; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Memória e Formalização Social do Passado nas Organizações. **Revista de Administração Pública** (Impresso), v. 45, p. 1761-1780, 2011.
- DA COSTA, Frederico Lustosa. Brasil: 200 anos de Estado; 200 anos de administração pública; 200 anos de reformas. **RAP—RIO DE JANEIRO**, v. 42, n. 5, p. 829-74, 2008.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Ria (Orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura.** Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Ed. da UFRGS, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. **Cadernos de literatura brasileira.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v. 8. Região. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

FAHEL, Margarida Cordeiro. Prefácio. In: SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado.** Ilhéus: Editus, 2001.

FALCON, Francisco. **História e poder.** In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro.** 10 ed. V. 1. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000a.

_____. **Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro.** 10 ed. v. 2. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000b.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

FILHO, Luiz Lopes Diniz & BESSA, Vagner de Carvalho. Território e política: as mutações do discurso regionalista no Brasil. **Estudos Históricos,** v. 8, n. 15. Rio de Janeiro: FGV, jan. – jun., 1995.

FISCHER, Tânia; DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia; GHADIRI, Philip D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública,** Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 935-56, 2007.

FISCHER, Tânia. A perduração de um mestre e uma agenda de pesquisa na educação de administração: artesanato de si, memória dos outros e legados de ensino. **Revista Organizações & Sociedade,** v. 17, n. 52, p. 209-219, 2010.

FONSECA, Francisco. A Administração Política: em busca de uma teoria crítica da administração pública. Salvador: **Revista Brasileira d Administração Política,** v. 1, n. 1, p. 7-9, out., 2008.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. **Diálogos latinoamericanos,** v. 5, p. 109-33, 2002.

GOMES, Fábio Guedes. O jovem percurso da administração política. **Revista de Administração Pública,** v. 46, n. 1, p. 7 a 24, 2012.

GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio (orgs.). **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUERREIRO DE FREITAS, Antônio; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul (Ilhéus, 1534-1940).** Ilhéus: EDITUS, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatthy (orgs.). Apresentação. In: **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____; NORA, Pierre. **História: Novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

MA, Janaina. **A natureza do conhecimento Administrativo: uma busca pelo seu objeto.** 2004. 66f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. Canudos: organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária. **Cadernos EBAPE**, v. 5, n. 4, dez/2007.

_____.; MOURA, Leandro Souza; IMASATO, Takeyoshi. Coronelismo: um referente anacrônico no espaço organizacional brasileiro contemporâneo? **O&S**, Salvador, v.18 - n. 58, p. 389-402, jul./set., 2011.

_____. Da enxada ao cajado, às engrenagens e aos chips: a sobrevivência do “coronelismo”. XVII CONGRESSO INTERNACIONAL DEL CLAD SOBRE LA REFORMA DEL ESTADO Y DE LA ADMINISTRACION PUBLICA, 17., 2012. CARTAGENA, COLOMBIA, **Anais...** 30 oct. - 2 nov. 2012.

MATITZ, Queila Regina Souza; VIZEU, Fabio . Construção e Uso de Conceitos em Estudos Organizacionais: Por uma Perspectiva Social e Histórica. **Revista de Administração Pública** (Impresso), v. 46, p. 577-598, 2012.

NORA, Pierre. Memória coletiva. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

OLIVEIRA, Francisco Correia de. Administração política e teoria da organização: contribuições históricas de autores brasileiros. Salvador: **Revista Brasileira d Administração Política**, v. 1, n. 1, p. 159-88, out.-2008.

PANG, Eul Soo. **Coronelismo e Oligarquias: 1889-1943, A Bahia na Primeira República Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PECHMAN, Robert Moses (Org.) **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

_____. Cenas primordiais – em como o discurso inventou a cidade. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO – “CIDADES: TEMPORALIDADES EM CONFRONTO”, 5., 1998. Campinas, **Anais...** Campinas, FAU/PUCCAMP, 1998.

PESAVANTO, Sandra Jatahy. Região e Nação: as releituras do Brasil em tempo de democracia. **Humanas – Globalização, Nacionalismo e Regionalismo**. Porto Alegre, v. 18, n. ½, jan./dez., 1995.

_____. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVANTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

PESAVANTO, Sandra Jatahy (org.). Apresentação. In: **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

PIERANTI, Octavio P. Políticas públicas para Radiodifusão e Imprensa: Ação e Omissão do Estado no Brasil Pós-1964. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas/ Fundação Getúlio Vargas, 2005. **Dissertação de Mestrado** (mimeo).

_____. A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca dos princípios e de sua aplicabilidade no Brasil Contemporâneo. **Cadernos Ebape**, v. 6, n. 1, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8614987/Caio-Prado-Junior-Historia-Economica-Do-Brasil>.

_____. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PRIGOL, Valdir. Literatura, história e leitor. **Cadernos CEOM**. Ano 14, n. 12, dez., 2000. Argos Editora Universitária.

REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

RIBEIRO, Elizabeth Matos. Los modelos de administracion política brasileño y español. **RAP**. Rio de Janeiro, v. 35, nº 5, 2001.

- RIBEIRO, João Ubaldo. Política e Administração. **Revista Organizações & Sociedade**, n. 37/38, Salvador, 2006.
- RIGO, Ariádne Scalfoni. O que as crônicas de Machado de Assis nos contam sobre a Administração Política? Salvador: **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 5, n. 2, p. 65-82, out./2012.
- SANTOS, Elinaldo Leal. Contribuições da Administração Política para Campo da Administração: percursos e percalços. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PODER LOCAL, 12. 2012, Salvador. **Anais...** Salvador, dez/2012. Mimeo.
- SANTOS, Reginaldo Souza. (org.) **A Administração Política como Campo do conhecimento**. São Paulo: Mandacaru/Hucitec, 2009.
- _____. O contexto da criação e o desenvolvimento epistemológico da EA/UFBA. Salvador: **Revista Brasileira de Administração Política** 3, v. 2, n. 2, p. 123-132, out./2009a.
- _____; RIBEIRO, Elizabeth Matos et. al. Bases Teórico- Metodológicas da Administração Política. Salvador: **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 2, n 1, p. 19-43, abr./2009.
- _____; _____; GOMES, Fabio Guedes. **A Crise, o Estado e os Equívocos da Administração Política do Capitalismo Contemporâneo**, 2012 (mimeo).
- _____. Manifesto de Administração Política, **Carta de Garanhuns** (2010), **Carta de Juazeiro do Norte** (2011) e **Carta de Campina Grande**, 2012 (mimeo).
- _____; RIBEIRO, Elizabeth Matos. A administração política brasileira. **RAP**, Rio de Janeiro, nº 4, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SHAFF, Adam. **História e Verdade**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**, v. 4, 1976.
- VIZEU, Fabio. Em algum lugar do passado: contribuições da pesquisa histórica para os estudos organizacionais brasileiros. In: ENCONTRO DA ANPAD, 16, 2007, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.
- _____. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **RAE (Impresso)**, v. 50, p. 36-46, 2010